

## Remédios e medidas preventivas contra o cholera: uma análise das recomendações publicadas no periódico *O Cearense* em 1855-1856

MAYARA DE ALMEIDA LEMOS\*

### As recomendações: preparação para a epidemia

As Recomendações consistiram no agrupamento de uma série de conselhos publicados originalmente em periódicos de outras províncias, como resultados das experiências que estavam sendo feitas à medida que se buscava debelar a doença.

Em julho de 1855, o periódico *O Cearense*, publicou correspondências oriundas de outras províncias, narrando o desenrolar da epidemia, e em meio às incertezas acerca das causas da moléstia, sugeria formas de prevenção e tratamento, enquanto os médicos debatiam acerca do caráter da doença: se era o cólera asiático, colerina ou o cólera benigno.

Na indicação de tratamento a seguir é possível observar a apresentação, de forma resumida, dos itens que se acreditava então serem essenciais para a prevenção contra o cólera. A atribuição da autoria do conselho a um médico de um rei, mesmo que não fosse verdadeira, tinha como intuito garantir maior peso ao discurso, revestindo-o de um caráter não apenas científico, mas eficaz, tendo em vista a utilização do tratamento referido em uma casa real. Já que servia para o rei, também serviria para as demais pessoas.

Meios preservativos aconselhados pelo Dr. Norbeck, primeiro médico do rei da Saxônia, para qualquer se premunir contra as influencias coléricas (...): 20 doses de calor, 5 de asseio, 20 de moralidade, 1 de actividade, 2 de bom senso, 12 de ar puro, 50 de tranquilidade de espírito; estas 100 partes reunidas formão o específico anti-choleric por excellencia.<sup>1</sup>

Tal recomendação notadamente enfatiza as questões relacionadas aos fatores morais, pois estes somam 72, enquanto os relacionados a higiene e cuidados corporais correspondem apenas a 28, nesta escala de 100 pontos proposta pelo Dr. Norbeck. O cólera, além de haver contribuído para o processo de implantação de reformas visando a salubridade urbana, também foi utilizado nos discursos médicos como fator moralizador, civilizador,

---

\* Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Perspectivas e Abordagens em História. Bolsista FUNCAP.

<sup>1</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 52.

tendo em vista que não seguir os preceitos que recomendavam a moderação nos hábitos teria como consequência a aquisição de tão temida doença.

A função da publicação dos conselhos médicos nos jornais não era a de substituir os médicos, pelo contrário, era uma forma da medicina se impor diante da sociedade como detentora de conhecimentos científicos, supostamente capazes de debelar a epidemia de cólera. Postulava-se que os tratamentos indicados deveriam ser seguidos enquanto não fosse possível a consulta com o médico.

Os editores do periódico citado, diante da ameaça do cólera ao Ceará, *não podendo fazer mais do que aconselhar*, deram início, no dia 26 de junho de 1855, às publicações, consideradas *um serviço ao povo, transcrevendo no folhetim deste jornal alguns remédios, e medidas higienicas aconselhadas por distintos médicos.*<sup>2</sup>

### ***Precauções higiênicas que se devem ter durante a epidemia***

As discussões médicas sobre as causas do cólera, em sua maioria, defendiam o infeccionismo, com a teoria miasmática, segundo a qual as doenças seriam transmitidas por ares poluídos, evaporados de matérias orgânicas em decomposição e águas estagnadas, portanto, para evitar a propagação da epidemia as recomendações eram voltadas para a higiene dos espaços públicos, das habitações, roupas e corpo. *Preceitos higienicos* eram considerados fundamentais tanto como forma de prevenir a doença, quanto durante o tratamento e convalescença dos acometidos.

Considerando que miasmas venenosos circulavam nas ruas, movidos pelos ventos, fazia-se necessário dispersá-los, movimentando o ar estagnado, concentrado de vapores nocivos. Para tanto, alguns acreditavam que acender fogueiras afastaria a doença. Esta prática foi utilizada na Europa durante os surtos de cólera e os relatos de seus sucessos foram enumerados; casos em que a queima de pinho e palha, proposital e acidental, resultaram no desaparecimento do mal *com a admiração de todos.*<sup>3</sup>

Em 1862, este relato foi novamente reproduzido a partir do Jornal da Bahia, onde o autor justificava ainda a eficácia das fogueiras, para a purificação do ar, pela diminuição de

<sup>2</sup> O Cearense. 26.06.1855. Anno IX. n. 842. A epidemia do Pará (Editorial), p. 02.

<sup>3</sup> O Cearense. 28.08.1855. Anno IX. n. 860. Ainda notícias do Vapor (Editorial), p. 04.

doenças no período entre os meses de junho e julho, quando em virtude das festividades de São João e São Pedro havia o costume de acendê-las.<sup>4</sup> No município cearense Maranguape o vigário Padre Galindo “acendia fogos nas ruas para desinfetar a atmosfera” (TEÓFILO, 1979: 244).

Além de fogueiras para movimentar o ar, os médicos também recomendavam fumigações, com substâncias como vinagre, a serem feitas no interior das casas, em viajantes recém-chegados, e ainda em objetos.

Porém, nem todos os médicos eram de comum acordo sobre a conveniência e a eficácia do uso do cloro. No “Tratamento homeopático do cholera epidêmico”, reproduzido do Jornal da Bahia, afirmava-se que o cloro, assim como os vinagres aromáticos, além de não surtirem os efeitos desejados, ainda poderiam ser prejudiciais à saúde<sup>5</sup>. Logo, é possível perceber que as recomendações publicadas agruparam textos escritos por diferentes médicos, vinculados a locais e contextos diversos, de formação e prática diferenciadas, e isto se refletia nas informações, muitas vezes contraditórias, sobre as formas eficazes de combater a epidemia.

As habitações também eram alvo de preocupações por parte dos médicos, que recomendavam além da limpeza, a ventilação, para que o ar circulasse no interior das mesmas. A medicina adentrava o espaço dos lares, pregando que as casas precisavam ser limpas, asseadas, de paredes caiadas, com portas e janelas abertas durante o dia *para que possam entrar por ellas o ar secco e a luz do sol*, especialmente nos quartos de dormir, onde se aconselhava dormir poucas pessoas.<sup>6</sup>

Os quintais eram considerados espaços tão ou mais perigosos que o interior das casas, pois geralmente recebiam os despejos das águas servidas, bem como eram utilizados para a criação de animais. Nesse sentido não seriam consentidos quintais com *cisco, lama, esterqueiras, águas estagnadas, animaes mortos nem mesmo vivos em numero tal que possam pelos seus excrementos viciar a atmospheria*<sup>7</sup>.

Conforme Filgueira Sampaio, antes do cólera atingir o município cearense Crato, foram feitas *correições* nos quintais das residências *para obrigar os donos a limpá-los*, além

<sup>4</sup> O Cearense. 06.05.1862. Anno XVI. n. 1523. As fogueiras e o cholera (Transcrições), p. 04.

<sup>5</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 78.

<sup>6</sup> Ibid. p. 48.

<sup>7</sup> Id.

da prática de matar os porcos, que eram criados em chiqueiros situados nos quintais (SAMPAIO: p. 68).

Esta imposição teve consequências econômicas desastrosas para um habitante de Quixeramobim, Pedro Jaime de Alencar Araripe<sup>8</sup>, que tinha empregado seus poucos recursos na criação de suínos, e teve que sacrificá-los e enterrá-los em vala profunda (ALENCAR; ARARIPE, 2011: 276).

Assim, percebemos outras faces de uma epidemia sobre a vida cotidiana em uma cidade, antes mesmo de sua ocorrência. Os porcos, associados ao ambiente sujo em que vivem e aos alimentos que consomem, foram proibidos inclusive na alimentação, conforme é possível perceber na análise das dietas recomendadas.

Outro ponto de preocupação para a salubridade urbana era o destino dado aos corpos dos mortos pela epidemia. Os cuidados com os cadáveres dos coléricos consistiam, basicamente, em promover o sepultamento o mais rápido possível. Sobre as sepulturas deveriam colocar cal, para evitar que os miasmas do corpo em decomposição atingissem a superfície e conduzissem a doença, através dos ventos. As sepulturas realizadas em covas rasas, abertas durante períodos chuvosos eram apontadas como causas de novos surtos, em várias localidades do Brasil.

Para o Dr. José da Silva Maya, o caixão deveria ser hermeticamente fechado, com pregos nas laterais. E quanto aos pertences do morto: *mandarão queimar os colchões e toda a roupa, lavar a mobília e o assoalho da casa com água e sabão*. O quarto onde o colérico havia permanecido deveria ter as paredes caiadas e depois borrifadas com água de cloro.<sup>9</sup>

### ***Hygiene da mesa: dietas para prevenir e combater o cólera***

Em virtude da sintomatologia do cólera, que compreendia principalmente diarreia e vômitos, o estômago era o órgão que mais atraía a atenção dos médicos. As primeiras manifestações da doença - que deveriam ser observadas com cautela, para que a pessoa logo iniciasse o tratamento - eram as indigestões, os *arrotos azedos, borborygmos, náuseas,*

---

<sup>8</sup> Primogênito de Tristão Araripe. Foi o primeiro professor de Quixeramobim.

<sup>9</sup> Ibid. p. 51.

*constipação de ventre, e ainda o aborrecimento aos alimentos* <sup>10</sup>. Assim, tornava-se imperativo promover a alimentação adequada, tanto para evitar o adoecimento, quanto para tratar os que já estivessem enfermos, ou em convalescença, para evitar nova incidência da doença.

Moderação também era a palavra chave no quesito alimentação. Comer demais ocasionaria a sobrecarga do estômago, e o contrário ocasionaria o enfraquecimento do organismo, daí a importância de evitar os jejuns, portanto, a alimentação deveria ser *mais reparadora que abundante* <sup>11</sup>. Assim como as definições da doença e as medidas preventivas, as dietas recomendadas também divergiam em alguns aspectos, tendo em vista que cada sistema de tratamento correspondia a uma compreensão acerca do cólera.

Do Diário de Pernambuco foram reproduzidas as primeiras questões sobre a *hygiene da mesa*.

As carnes de boi ou carneiro assadas, a galinha pouco gorda, devem constituir a base do regimen alimentar com velhos vinhos de Bordeos ou de Borgonha. Os legumes e fructos bem maduros devem nelle figurar em fraca proporção; mas não merecem a exclusão absoluta que soffrem geralmente (...) a melhor regra a seguir é escolher de preferência os alimentos que são digeridos com a maior facilidade, e que nunca perturbam o exercício regular das funções digestivas. <sup>12</sup>

Depois das refeições seria conveniente fazer uso das *infusões aromáticas, taes como as de chá de camomila, de hortelã, de café*. As bebidas alcoólicas como rum e aguardente eram consideradas nocivas pelo autor destas recomendações. <sup>13</sup> As indigestões deveriam ser tratadas com chás, ou ainda *pastilhas e água de hortelã*, no intuito de *desembaraçar este órgão* (o estômago) *pela bocca*. Durante o período de convalescença, a alimentação deveria ser feita em horários regulares, em pouca quantidade e acompanhadas por *um pouco de vinho puro*. <sup>14</sup>

Conforme o Dr. João Florindo Ribeiro de Bulhões, 1º Cirurgião Tenente do Corpo de Saúde do Exército, durante o primeiro período da doença a dieta deveria ser a seguinte: no primeiro dia não dava aos seus pacientes *nem caldos, e nem água fria*, apenas medicamentos. No dia seguinte o paciente era autorizado a ingerir pequenas porções de *caldo de galinhas em*

---

<sup>10</sup> Ibid. p.05.

<sup>11</sup> Ibid. p. 04.

<sup>12</sup> Id.

<sup>13</sup> Id.

<sup>14</sup> Ibid. p. 24.

*porção de quatro colheres e uma de vinho velho; para o terceiro dia, a alimentação ia se tornando mais consistente, sopa de galinha, no quarto dia galinha cosinhada em arroz, no quinto galinha e farinha, no sexto carne, em pequenas porções e sempre tomando os doentes o chá de macella e losna e bebendo o vinho nas comidas*<sup>15</sup>.

Dr. José da Silva Maya, aconselhava a evitar o consumo de *carnes e peixes salgados ou ardidos, massas pezadas, pasteis mal cozidos, hortaliças cruas*. As frutas deveriam estar maduras e ter boa procedência. Para combater a diarreia este médico recomendava meia xícara de água de arroz de duas em duas horas, ou uma espécie de mingau feito com *raiz de ratanhia, raspa de ponta de chifre de veado, extrato de ópio e açúcar*; e ainda caldos *de carne de vacca, ou de galinha, sopas magras de pão torrado, papas ou mingao de arroz, cevadinha, tapioca, farinhas nunca*<sup>16</sup>.

O médico Sabino Olegário Ludgero Pinho, atuante em Pernambuco, adepto da doutrina homeopática, por sua vez, contraindicava a ingestão de café, chá-verde, vegetais crus, *fructos frios – taes como o melão, a laranja, a pinha, a maçã, etc* – e até mesmo o uso de perfumes.<sup>17</sup>

Do Jornal da Bahia provém um “Tratamento homeopático do cholera epidêmico” onde são proibidas as *carnes gordas (pato, ganço, porco), os peixes gordos, oleosos (enguias), os moluscos (mariscos, ouriços), as toucinhadas, as massas pesadas, as comidas cruas*. Os alimentos ideais seriam *as carnes de vacca e carneiro, as aves voadoras, os peixes leves, o arroz, e as batatas*. Diferentemente dos demais médicos, o autor deste tratamento afirma que as infusões, chás, especialmente de hortelã, tília e macela, são *formalmente proibidas*.<sup>18</sup>

Outra dieta foi recomendada pela Comissão de Higiene Pública do Pará, em 1855, segundo a qual os coléricos deveriam evitar alimentos sólidos ou moles, utilizando apenas colheradas de caldo *de frango ou galinha, mas não muito repetidas vezes*. Na opinião dos médicos da Comissão do Pará, para satisfazer a sede dos coléricos seriam autorizadas apenas *bebidas mucilaginosas, brandamente excitantes, ou acídulas, conforme o estado dos symptomas, - mas nunca frias, A este respeito não deve haver condescendências dos*

---

<sup>15</sup> Ibid. p. 31.

<sup>16</sup> Ibid. 54-56.

<sup>17</sup> Id.

<sup>18</sup> Ibid. p. 77

*enfermeiros com os doentes.*<sup>19</sup> Tal tarefa certamente era difícil, especialmente para os que cuidavam de familiares e entes queridos, tendo que lhes negar o direito de extinguir a sede, vendo-os já debilitados pela doença, que causava rápida desidratação do organismo, devido à perda de eletrólitos, junto às diarreias e vômitos.

À medida que o colérico fosse apresentando melhoras, a quantidade de caldo seria aumentada, depois poderia ingerir sopas *de arroz ou de pão com uma porção diminuta de frango*. Mesmo durante a convalescença as refeições não deveriam ser excessivas para que *não fique o estômago totalmente repleto*.

Conforme o médico cearense José Lourenço de Castro e Silva, *o estomago entretido na formação do chilo, difficilmente poderá prestar-se na reação do mal*. A dieta exposta por ele para os convalescentes é a seguinte: *chá com torradas, canjas de arroz, mingãos de araruta, de gomma, com assucar e ralos; caldos de frango ou de galinha, passando depois a outras comidas mais sólidas.*<sup>20</sup>

Para o Dr. José Sesinando de Avelino Pinho, de Alagoas, os caldos de carne, e também de galinha, *devem desaparecer das dietas dos cholericos, assim como as substancias solidas*, pois conforme suas observações a melhor dieta seria água de arroz e caldos ralos de goma com açúcar, apenas durante a convalescença utilizariam os mingaus de goma, ou araruta, e ao invés de três, seriam permitidas até cinco colheres de vinho do Porto.<sup>21</sup>

A água foi um ponto de divergência entre alguns médicos, pois enquanto uns acreditavam que seria nocivo fornecê-la ao enfermo, outros preferiam suprir esse desejo. O médico cearense Castro Carreira afirmou que *sendo a sede um dos maiores tormentos do doente seria crueldade privá-lo d'agua (...) nós nunca negamos aos nossos doentes permitindo-lhe que use em pequenas porções, ainda que seja repetidamente.*<sup>22</sup>

A questão de ministrar ou não água aos coléricos foi abordada pelo Dr. Pedro Theberge, residente em Icó, de outra forma. A partir das observações feitas com os coléricos dos quais tratou, acreditava que de nada adiantariam os medicamentos se a doença já estivesse em estado avançado, assim *só servem de molestar e torturar os doentes, sem produzir*

---

<sup>19</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1856. p. 16.

<sup>20</sup> Ibid. p. 21.

<sup>21</sup> Ibid. p. 13-14.

<sup>22</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. p. 139.

*modificação alguma na sua marcha, então não proibia o consumo de água, pelo contrário, n'estes casos desesperados usei dar aos enfermos agoas frias a se fartarem.*<sup>23</sup>

Quanto à alimentação dos coléricos no Ceará, em 1862, como um todo, há indícios da distribuição de arroz, bolachas, açúcar, goma de mandioca, araruta<sup>24</sup>, que constam no jornal Gazeta Official como alimentos enviados pelo governo da Província para diversas localidades, como dieta para os enfermos. Tais itens apontam que a alimentação disponível nas enfermarias do Ceará assemelhava-se às demais apresentadas nas recomendações feitas no Cearense, porém referências ao envio de alimentos são escassas, a maior parte aponta apenas a remessa de baetas e medicamentos. Os itens destinados à alimentação poderiam ser adquiridos com os recursos obtidos junto à caridade particular, através dos empréstimos feitos em nome do governo, e ainda por doações feitas pelas presidências de outras províncias, como a de Alagoas, que em 1855 enviou 600 arrobas de arroz e baetas para Ceará e Paraíba.<sup>25</sup>

### ***Preceitos therapeuticos: os medicamentos***

O tratamento medicamentoso era recomendado de acordo com as fases da doença observadas no enfermo - ou nos dizeres do Barão de Studart (1997: 59): “a medicação empregada visava combater os symptomas à medida que iam apparecendo”. O principal ponto comum a todas as recomendações feitas pelos diferentes médicos era a importância do início dos cuidados assim que se percebessem os primeiros sinais da doença. A rapidez com que houvesse a intervenção seria fundamental para a cura, pois à medida que os sintomas evoluíssem menores eram as chances de sobrevivência.

Os médicos aconselhavam licores, poções, tinturas, essências, e também procedimentos como cataplasmas, clisteres, sinapismos, escalda-pés. Publicavam-se ainda fórmulas para a preparação de alguns medicamentos, como o Elixir Paregórico Americano e a Tintura das Irmãs de Caridade<sup>26</sup>. Elementos dos reinos vegetal e mineral compunham a

<sup>23</sup> O Cearense. 27.05.1862. Anno XVI, n. 1526. A epidemia de cólera no Icó (Cartas particulares), p. 03.

<sup>24</sup> Gazeta Official. 16.07.62. Anno I. O CHOLERA, p. 02-03.

<sup>25</sup> O Cearense. 04.04.1856. Anno X. n. 915. Vapor do Sul (Editorial), p. 01.

<sup>26</sup> A tintura das Irmãs de Caridade aparece nas Recomendações como um remédio indicado pelo Dr. Recamier, médico francês. O preparo e composição da tintura consistiam na maceração de angelique, cálcamo-aromático,

farmacopéia contra o cólera, e bebidas, como vinhos e aguardente, também eram frequentes em várias recomendações.

Cada tratamento era propalado com base em relatos obtidos por experiência da prática médica, bem como através de relatos obtidos de terceiros. Apesar de alguns fazerem ponderações sobre as incertezas na eficácia da medicação, outros traziam o ineditismo, como o *verdadeiro antídoto contra o cholera*. Tal antídoto, conforme o autor da nota<sup>27</sup>, teve sua eficácia propagada através da oralidade, desde um relato de um pastor da Andaluzia que tendo sofrido um ataque do cólera, curou-se ao consumir o mentrasto.

Após descrever a planta, apresentando outras denominações da mesma, *menthrasto, herva conhecida também por hortelan aquatica, hortelan sylvestre, os seos talos são pouco mais ou menos d'altura d'um pé, as folhas largas e cobertas de falhas, de flor branca e vermelha de cheiro agradável*; o autor expôs de que forma deveria ser utilizada:

se o enfermo tem diarreia aplicar-se-lhe um emplastro frio d'esta herva sobre o estomago; se tem vomitos faz-se d'ella um chá, e dá-se meia tigela de meia em meia hora até cessar o incomodo; continuando porém usar-se em qualquer dos casos de duas em duas horas. este chá ou infusão deve fazer-se apenas de duas folhas para crianças, e de quatro para os de mais idade. adverte-se porem que o abuso é muito prejudicial, e por isso deve sempre consultar ao facultativo para precaver qualquer máo resultado.<sup>28</sup>

Desta forma, ao passo em que ensinava um tratamento que poderia ser feito por qualquer pessoa que tivesse acesso a erva, também salientava a importância de consultar os facultativos, pois estes detinham o conhecimento capaz de decidir sobre as doses que seriam consideradas remédios ou venenos.

Outro item do reino vegetal indicado era o alho. *Um medicamento tão prosaico, porém considerado portador de propriedades que nenhum outro remedio possui em tão elevado grão, no período algido do cholera, quando todo o organismo está intorpecido, e que a vida aniquilada vai a extinguir-se*. A utilização do alho seria capaz de por em movimento as

---

ênola-campana e genciana, em garrafas de genebra, durante três ou quatro dias, período após o qual o líquido deveria ser extraído e armazenado em recipientes “arrolhados”, podendo ser conservado durante anos. A dose recomendada para adultos era a de um cálice de licor, porém se em meia hora a reação não houvesse se manifestado aconselhava-se administrar outra dose. Cf. Remédios e medidas preventivas contra o cholera. 1855, p. 15.

<sup>27</sup> Nota publicada originalmente em jornais portugueses e reproduzida no Cearense.

<sup>28</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera, 1856. p. 10-11.

*molias da vida nos cholericos por assim dizer, agonizantes, através da utilização de cataplasmas e fricções, feitos com pomadas à base de alho e incenso e aplicados sobre as regiões torácica e abdominal; bem como de infusões. O prelúdio da reação que deve salvar o doente seria um sentimento de calor seguido de suor se declara com forte cheiro aliace, porém recomendava-se a utilização do *allium sativum* como auxiliar no tratamento dos coléricos, até mesmo na falta d'outros medicamentos mais enérgicos.*<sup>29</sup>

Juntamente com os medicamentos deveriam ser realizados procedimentos, de acordo com a fase da doença em cada pessoa. Os cataplasmas e sinapismos<sup>30</sup> eram revulsivos<sup>31</sup> e serviam também para aquecer o corpo do colérico, causando a transpiração, porém seu uso requeria bastante atenção, pois eram aplicados quentes e caso os enfermeiros/cuidadores não observassem, e esquecessem de retirá-los, após o tempo recomendado, poderiam causar queimaduras.

Como manter o calor corporal era considerado essencial para a eficácia do tratamento e cura do colérico, o governo da Província distribuía as baetas, que eram cobertores grossos, de lã, para manter o corpo protegido contra o frio, especialmente o ventre e os pés.

Recomendava-se, ainda, a realização de escalda-pés e fricções com escovas, para ativar a circulação nos órgãos. Estes eram meios externos de aquecer os coléricos, que compreendiam também cercar o leito do doente com botijas de água quente e tijolos aquecidos.

Os meios internos compreendiam a ingestão de variadas infusões, tinturas e bebidas estimulantes. Já os clisteres poderiam ser purgativos ou medicamentosos e consistiam na introdução de substâncias pelo ânus no intuito de eliminar impurezas ou introduzir medicamentos pela via anal, nos casos em que os vômitos constantes não permitissem a ingestão oral.

Na recomendação feita pelo Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca em 1856, é indicado o uso de flanelas *ou mesmo de baeta embebida de um pouco de tinturas de pimentas malaguetas* para a realização de *esfregações nas pernas, braços e costas*. Esta tintura era

---

<sup>29</sup> Ibid. p. 11-12.

<sup>30</sup> Sinapismo: Cataplasma feita à base de mostarda.

<sup>31</sup> Revulsivo: agem provavelmente por vasodilatação, causando hiperemia (excesso de sangue local) quando aplicados sobre a pele, aliviando assim a dor.

preparada da seguinte forma: *põe-se em uma garrafa de agua ardente forte uma quarta de pimentas malaguetas pizadas; deixão-se passar oito a dez dias e coa-se o liquido em vidro arrolhado*. Os sinapismos, a serem aplicados na *barriga das pernas*, seriam feitos à base de farinha de mostarda ou pimenta malagueta pisada, *devendo-se cobrir bem o doente para que reapareça o calor do corpo*.<sup>32</sup>

As fricções poderiam ser realizadas com as mãos secas, com pedaços de lã mergulhados em linimentos estimulantes, ou em água morna, ou ainda com escovas. Também recomendava-se *amassaduras* (massagens) com óleo de amêndoa doce. *Quando as câimbras são violentas a ponto de arrancar gritos aos doentes e fazerem toda a sorte de contorsões* aconselhava-se fricções na coluna com clorofórmio, gelo, pimentas malaguetas secas, ou urtiga, planta que causa ardência e queimação na pele.<sup>33</sup>

José Lourenço de Castro e Silva, o Inspetor de Saúde Pública do Ceará, recomendava *fricções fortes, duradouras, e repetidas com uma escova ensopada no linimento húngaro (...) demorando-se mais tempo sobre o estomago, espinhaço e pernas. Depois cobrir-se-há bem o doente, que de vez em quando soffrerá igual escovadella*. Entre uma escovadela e outra *applicar-se-hão sinapismos sobre o estomago e pernas se nestes lugares sentir dores, tirando-os logo, que arderem para substituir cataplasmas de linhaça e na falta, de farinha peneirada que depois de estendidas serão cobertas com um pouco de láudano*.<sup>34</sup>

Para ele as sangrias deveriam ser utilizadas apenas como *maximo remédio apresentando-se estado inflamatório, pulso largo, e forte, face rubra, olhos injectados; ou mesmo se fará ainda largamente se o doente for forte e sanguineo*, portanto, além de ser conveniente apenas em último caso, nem todos poderiam ser submetidos a elas.

A fim de aquecer o colérico, se este se encontrasse no estágio algido, apresentando a pele fria, o Dr. José Lourenço recomendava ainda, em suas *Aplicações fáceis e eficazes*, o seguinte:

por baixo dos cobertores e ao lado do doente se não poder applicar-se por baixo, coloque-se uma pequena vazilha com brazas, e sobre ella deita-se um papel de camphora (numero 9) e uma porção de café moído com milho, que se deverá ter de

<sup>32</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1856. p. 01.

<sup>33</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1855. passim.

<sup>34</sup> Remédios e medidas preventivas contra o cholera. Fortaleza: Typ. de Paiva e Companhia, 1856. p. 18-19.

cautella, em quanto o doente poder supportar este vapor; fazendo-se logo depois unturas de álcool camphorado (...), quente por todo o corpo sem descobri-lo.<sup>35</sup>

Ao mesmo tempo deveriam ser realizados clisteres feitos com *6 a 12 pimentas malaguetas*. Como prevenção, o mesmo acreditava *que pode ser de algum proveito o uso do sal de cosinha, moído, tomando-se todos os dias, no estado de saude, uma colherinha pela manhã, e outra antes do jantar*, e as mulheres, durante o período menstrual deveriam evitar o uso do limão, *por isso se contentarão em beber de 15 em 15 minutos uma colherinha de agua de canella, quando tiverem vômitos*.

Outro procedimento indicado por ele era a aplicação de *copos a modo de ventosas seccas nas partes internas das coxas*. Dr. José Lourenço salientou ainda a importância da população entender como efetuar o tratamento, *já que os médicos são poucos*. Porém havia diferenças do tratamento de acordo com os grupos, assim, as crianças receberiam apenas um quarto das doses recomendadas aos adultos, e os escravos também tinham um tratamento específico:

aos pretos se darão um pequeno calix de agoa-ardente com puxuri de hora em hora, alternada com uma colherada de limão, e café com vinagre e assucar. se a lingua achar-se saburrosa, e sentir desejos de lançar, antes de tudo 18 grãos de poaia em uma chicara d'agoa morna em 3 doses de 5 em 5 minutos, e ao mesmo tempo as aplicações externas acima aconselhadas, fasendo-se uma de pimenta, gengibre e vinagre quente sobre o espinhaço, pulsos e pernas. O mais como fica dito.

Apparecendo vômitos biliosos com grande prostação, delirio e língua saburrosa, algidez, pelle flaccida, recorrer-se-há logo a um vomitório (um grão de tártaro, e 20 de ipecacuanha, para 4 chcaras de cha de laranja adoçado) que será tomado em 4 vezes de 15 em 15 minutos: e uma hora depois 18 grãos de calomelanos com 12 de rhuibarbo em uma só vez.<sup>36</sup>

Ao mesmo tempo se farão com maior assiduidade e duração todas as applicações externas acima aconselhadas; e o clyster de pimenta.

Os escravos, mercadorias preciosas, eram de responsabilidade dos donos quanto aos tratamentos, tendo em vista que o governo determinava a distribuição dos socorros apenas para os pobres e indigentes. O que chama atenção nessa recomendação é o uso de substâncias menos elaboradas, que as recomendadas para o restante da população, o que denota o acesso aos tratamentos também como diferencial, conforme as classes sociais.

Em 1856 O Cearense reproduziu, dentre as recomendações, o “Guia para o povo se dirigir” de autoria do Dr. Paula Cândido, presidente da Junta Central de Higiene Pública, o

<sup>35</sup> Ibid. p. 19-20.

<sup>36</sup> Ibid. p. 21.

qual pregava que *deve-se com a maior brevidade aplicar-se grandes sinapismos, bem quentes, desde as pontas dos pés até os joelhos; ou o escalda-pés com cinzas e sal*. Ao mesmo tempo em que o doente fazia o escalda-pés deveria beber gotas de medicamentos (licor de strogonof, ether camphorado, elixir paregórico americano, terebentina, creosote, ou tintura de acônito) diluídos em uma colher de bebidas espirituosas (vinho, aguardente, licor ou genebra).

A utilização de plantas para a preparação de remédios é uma constante nas listas de medicamentos. Em Quixeramobim, seguindo os ensinamentos do Cirurgião Francisco José de Mattos, Pedro Jaime de Alencar Araripe construiu um “jardim de cheiros” onde cultivava plantas medicinais, cuja utilização aprendeu em conversas com o Cirurgião, bem como através do estudo em livros, emprestados pelo mesmo, sobre taxonomia botânica (ALENCAR; ARARIPE, 2011: 277-278).

O Cirurgião Mattos era conhecido pelos experimentos desenvolvidos com plantas medicinais, resultando inclusive em um remédio popularmente conhecido no Ceará, a Pílula do Mattos, cuja grafia adaptou-se a corruptela da oralidade e tornou-se Pílula do Mato.

O conhecimento adquirido por Pedro Jaime foi repassado a seu filho, Antonio Jaime, que no ano de 1862, residia em Jardim<sup>37</sup>, município situado na região sul do Ceará, e solicitou ao pai que fosse para lá, levando alho, ipecacuanha e mentrasto, obtidos em seu jardim de cheiros (ALENCAR; ARARIPE, 2011: 277-278).

Não foi localizado nenhum outro registro deste fato no decorrer da pesquisa, portanto, não sabemos ao certo se esta parte se trata de um fato verídico ou é uma versão romanceada baseada no conhecimento da existência do jardim de plantas medicinais somado à leitura de trabalhos em que há menção ao uso dessas plantas contra o cólera. Porém, é plausível que tais situações ocorressem tendo em vista a larga utilização de plantas para a preparação de medicamentos contra o cólera.

Atendendo ao pedido do filho, Pedro Jaime foi à localidade já afetada pela epidemia, onde contraiu a doença. No terceiro dia após a manifestação dos primeiros sintomas veio a óbito, em 03 de julho de 1862, aos 53 anos de idade.

---

<sup>37</sup> Município situado na região sul do Ceará.

A utilização de itens como alho, limão, mentrasto, entre outras plantas, indica como a relação entre a medicina oficial e a popular não foi uma via de mão única, onde houve apenas repressão e substituição. Trocas de saberes foram realizadas. Diferentes concepções de sistemas curativos foram absorvidas e apropriadas na busca por algo que efetivamente trouxesse a cura para esta doença que cruzara continentes, despertando inquietações advindas da necessidade de combatê-la.

Jane Beltrão salienta que no caso do Pará, em 1855, os saberes dos paraenses – “tradicionais conhecedores das florestas” – foram apropriados pelos médicos, que aplicaram uma roupagem científica, emprestaram foros acadêmicos, aos tratamentos populares (BELTRÃO, 2000: 848-850).

O caso do sumo de limão, cuja descoberta era atribuída ao acaso, em que índios teriam descoberto sua eficácia, é um exemplo disto, pois o Dr. Silva Castro ao fazer experimentos em sua clínica, afirma que tal medicamento já havia sido indicado por um químico francês, Cavaillon, revestindo o saber popular de uma pretensa confiabilidade acadêmica.

Assim a autora acredita que “de frente com a epidemia, os médicos fizeram ou foram forçados a fazer uma pausa para ouvir ‘pessoas estranhas à medicina’ que descobriram como curar a cólera usando sumo de limão”. Um dos fatores apontados seria a recusa, ou temor, por parte da população, do uso das sangrias, e possivelmente uma maior preferência pelos produtos da mata, considerada “uma farmácia inesgotável”, onde se aproveitavam praticamente todas as partes de uma mesma planta na preparação de diferentes modalidades de tratamento. Nesse sentido, o “tratamento popular emergia com invólucro científico” (BELTRÃO, 2000: 848-850).

Tal relação entre a medicina acadêmica e as concessões feitas aos saberes populares nos remete ao conceito de circularidade cultural desenvolvido, a partir das contribuições de Bakhtin, pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, principalmente em sua obra “O queijo e os vermes”; o qual possibilita uma reflexão acerca das relações culturais entre as classes dominantes e as subalternas. Tais relações se dariam de forma circular, e assim ambas se influenciariam reciprocamente (GINZBURG, 1987).

Nesse sentido, entendemos que mesmo que a medicina estivesse em processo de legitimação, e, portanto, impondo suas ideias e práticas, fazia-se necessário interagir com as

demais artes de curar, inclusive experimentando e compartilhando de alguns preceitos curativos, tanto como forma de angariar adeptos, como também de obter o sucesso na luta contra as doenças. Os sistemas de cura, mesmo que fossem diferentes, mantinham interligações entre si.

Percebe-se ainda que os remédios utilizados contra o cólera apontavam claramente a presença da teoria humoral nas práticas médicas, pois o uso de laxantes, vomitórios e sangrias, apesar de realizadas em menor escala, eram formas de manter o equilíbrio corporal, expulsando os humores que estariam em excesso no organismo.

O presente trabalho é parte do primeiro capítulo da dissertação intitulada “O terror se apoderou de todos”: O decorrer da epidemia de cólera em Quixeramobim (1862-1863). A discussão apresentada aqui é fruto da análise das recomendações publicadas no jornal O Cearense, sobre como se prevenir e tratar o cólera, que foram publicadas em 1855 e 1856, mas que de fato foram utilizadas apenas em 1862, ano que o cólera iniciou seu “ataque” na Província do Ceará.

Foram abordadas as formas de prevenção e tratamento que a medicina oficial apontava, considerando as apropriações feitas do conhecimento popular, enraizado em tradições; bem como a tentativa de higienizar os espaços urbanos, promovendo a salubridade. Por último elencamos os tratamentos medicamentosos publicados no jornal O Cearense, provenientes de várias províncias, e ainda relatos de médicos que atuavam no Ceará, analisando as diferentes opiniões com relação a dietas e tratamentos medicamentosos.

## **Bibliografia**

ALENCAR, Maria Helena; ARARIPE, Guarani Valença. **Brados retumbantes de uma vida** – Trajetória de Pedro Jaime o primogênito de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Fortaleza: UECE, 2011.

BELTRÃO, Jane. A arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão-Pará do século XIX. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 6. set/2000.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SAMPAIO, Filgueira. **História do Ceará**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, s.d.

STUDART, Barão de. **Climatologia, epidemias e endemias do Ceará**. Memória apresentada ao 4º Congresso médico latino-americano no Rio de Janeiro. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome/Violação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.